

Peregrinação e Liminaridade

Victor Hugo Kebbe¹

Doutor em Antropologia Social/UFSCar

“Do not fail to write down your first impressions as soon as possible”, said a kind English professor who I had the pleasure of meeting soon after my arrival in Japan: “they are evanescent, you know; they will never come to you again, once they have faded out; and yet of all the strange sensations you may receive in this country you will feel none so charming as these” (Hearn 2009: 1).

As fotografias que você verá a seguir neste Caderno de Imagens foram tiradas em vários momentos durante as minhas pesquisas de campo, realizadas nos anos de 2010 e 2014 no Japão. É interessante aqui dizer que o fotografar não estava atrelado diretamente às questões de pesquisa, mas emergia do fascínio e beleza que as edificações me suscitavam. Era comum que, no meu tempo vago, eu saísse pela cidade sem um destino premeditado, apenas com um telefone celular no bolso e com a vontade de aprofundar meus conhecimentos sobre o budismo e xintoísmo japoneses.

Nessas caminhadas sem rumo, era difícil não perceber as referências budistas e xintoístas na paisagem citadina. Existem vários elementos religiosos que estão amalgamados com a cidade que, para um antropólogo não descendente de japoneses, eram um convite para a investigação. Por exemplo, um grande *torii* ou portal xintoísta, disposto num movimentado cruzamento da cidade de Shizuoka, indicava que estávamos diante de um local sagrado no Japão. Entretanto, com o comércio fervoroso e as ruas apinhadas de carros, o transeunte poderia ignorar que ali estava inscrito um caminho sagrado rumo às divindades. Há 300 metros dali, depois de ruas tortuosas e escondido em meio às galerias e calçadas, estava a entrada do Santuário Xintoísta *Sengen Jinja*, anunciado pelo *torii* do cruzamento. Aquele *torii* representava um convite ao início da peregrinação espiritual.

Percebi logo cedo a importância, para os japoneses, da noção de peregrinação ou *junrei*. Ganhei um “guia do peregrino” em Hamamatsu, Shizuoka, compilando os vários circuitos religiosos de templos e santuários locais, demarcando trajetórias específicas relacionadas

1 Fellow de Estudos Japoneses da Japan Foundation (2010-2011); pesquisador associado da Universidade de Shizuoka; pesquisador associado do Instituto de Antropologia da Nanzan University; pesquisador visitante do Nanzan Institute for Religion and Culture; membro da Japan Anthropology Workshop.

com o próprio calendário japonês. Posteriormente, consegui outros guias, todos em japonês apenas, para a Província de Shizuoka e outros para as regiões de Kanto e Kansai.

Como apontam Del Alisal, Ackerman & Martinez (2007) na coletânea *Pilgrimages and Spiritual Quests in Japan*, existem no Japão vários circuitos religiosos, percorridos pelas famílias japonesas ao longo de todo o território, para a realização de preces e orações para os mais variados fins. Tais peregrinos chegam de todos os lugares, dedicando um dia ou uma tarde à caminhada espiritual. Como exemplo, é bastante corriqueiro encontrar peregrinos que rezam diariamente no templo *Yuusanji*, em Fukuroi, Shizuoka, para a melhoria dos problemas de visão.

Ainda de acordo com a coletânea supracitada, a peregrinação parte de um princípio budista de jornada rumo à Iluminação, na qual o peregrino deve acumular não só mais saberes, mas também mais experiências de vida que o auxiliem a se livrar da roda do *karma*. Partindo da ideia de estágios ou rituais de passagem, o peregrino deve percorrer circuitos que incluem várias cidades e seus templos e santuários, realizando visitas (*omairi, mairi*) para a solicitação de pedidos ao mundo sagrado. A peregrinação é uma forma de atualizar as relações dos vivos para com os deuses, assim como para com os mortos.

Observemos aqui as 53 paradas ou estágios da famosa estrada *Tokaido*, tão belamente ilustrada nas gravuras em *ukiyo-e* de Hiroshige, assim como alguns dos principais circuitos religiosos japoneses, como *Kumano*. A consolidação de tais peregrinações por *Tokaido* e *Kumano* é, notadamente, efeito das políticas governamentais do Período Edo, em especial com a proibição do trânsito de cavalos, o que acabou estimulando ainda mais as longas caminhadas.

Como resposta, várias estalagens e estabelecimentos comerciais começaram a ser construídos ao longo da jornada que, ao servir os transeuntes, garantiam a continuidade da peregrinação ao longo do tempo. Com o passar dos dias, surgiram os primeiros grupos ou caravanas de viajantes a pé. O acesso aos templos e santuários necessitava de pessoas qualificadas, os *oshi*, monges budistas que teriam sido os primeiros guias turísticos do Japão.

Assim, podemos ver outro aspecto interessante da jornada do peregrino, que resvala no comércio tradicional de *omiyage*. Estas são lembranças que variam de doces até amuletos de toda sorte, que são vendidas nos templos, santuários e também no comércio local. É importante enfatizar que os *omiyage* são lembranças para serem dadas, para presentear pessoas queridas. Assim, na cidade de Shizuoka, famosa pelo seu chá verde, os *omiyage* são produtos derivados do chá. Em Hamamatsu, o mesmo se dá com a torta de enguia. Ao presentear seus entes queridos com o *omiyage* destas regiões, os peregrinos comprovam a completude da sua jornada, de forma que o *omiyage* funciona como um atestado do sucesso da peregrinação.

Além dos *omiyage*, outro marcador da peregrinação bem-sucedida são os *Goshuincho*. Estes são pequenos cadernos com folhas sanfonadas em branco, pequenos tal como um livro de bolso e adornados com capas de tecido, e podem ser comprados em templos e santuários. O propósito é que, a cada visita, o peregrino leve o caderno até o monge ou sacerdote responsável do templo ou santuário e, diante de uma doação em dinheiro, este registre em seu caderno a sua visita por meio de uma mensagem escrita, que pode conter dizeres budistas ou somente o nome do templo ou santuário, a data da visita e o carimbo do local.

De acordo com Akira Nishiyama (2000) em *Shonen sabaibaru noto, kazoku no naka de ikinuku tame ni*, um dos objetivos principais da peregrinação pode ser entendido como *gense riyaku*, ou seja, aquele voltado à busca de pedidos de caráter mais imediato. Aqui nós temos a noção mais familiar de se visitar um espaço sagrado, visando realizar uma oração ou pedido às divindades locais ou aos espíritos dos antepassados.

Como percebem alguns antropólogos, a peregrinação está envolta numa nuvem de significados que organizam a vida e o cotidiano. Para Victor & Edith Turner (1978) em *Image and Pilgrimage in Christian Culture: Anthropological Perspectives*, a peregrinação em si implica a libertação das estruturas mundanas ou profanas da vida social. Essa dimensão da peregrinação retira, num curto interstício de tempo e espaço, os peregrinos da vida mundana (*hinichijo no seikai*), aproximando-os do sagrado.

No começo do ano, uma grande peregrinação é realizada nos santuários xintoístas, quando ficam apinhados de pessoas pedindo aos deuses por boa sorte, saúde, sucesso no trabalho e bons estudos. Já no *Obon* ou finados, as famílias japonesas se deslocam por vários quilômetros rumo aos templos budistas da família, paralisando o país por uma semana em homenagem aos antepassados.

Para os japoneses, pensar na peregrinação é pensar em como organizar a vida cotidiana, a família, além de atualizar suas relações não só com os deuses, mas com os antepassados. Participar das peregrinações é acionar e atualizar um sistema de dívida e dádiva com o mundo sagrado, este que tem o poder de afetar a vida cotidiana todos os dias.

Para a antropologia, a peregrinação nos abre as portas para pensar em várias dimensões sensíveis da vida, seja na relação mais imediata com uma antropologia mais voltada para a religião, seja numa escala mais distante, como o sistema de dívida e dádiva, além de ser bastante interessante para pensarmos na noção de pessoa ou até mesmo na relação espaço-tempo.

Referências

- DEL ALISAL, Maria Rodríguez; ACKERMAN, Peter; MARTINEZ, Dolores P. (org.). 2007. *Pilgrimages and Spiritual Quests in Japan*. Londres: Routledge.
- HEARN, Lafcadio. 2009. *Glimpses of Unfamiliar Japan*. Tokyo: Tuttle Publishing.
- NISHIYAMA, Akira. 2000. *Shonen sabaibaru noto, Kazoku no naka de 'ikinuku' tame ni* (Notas juvenis de sobrevivência: como "sobreviver" dentro da família). Tokyo: Shueisha.
- TURNER, Victor; TURNER, Edith. 1978. *Image and Pilgrimage in Christian Culture*. Nova York: Columbia University Press.

Recebido em 08 nov. 2016.

Aceito em 08 nov. 2016.



Peregrinação no santuário xintoísta Kunōzan Tōshōgū, Shizuoka.



Placas votivas no formato de torii do santuário xintoísta Atsuta Jingū, Nagoya.



Jardim do templo budista Kōtokuin, Kamakura.



Portal de entrada do templo budista Kakuōzan Nittaiji, Nagoya.



Pagode
do templo
budista
Kakuōzan
Nittaiji,
Nagoya.



Caminho feito com centenas de torii vermelhos do santuário xintoísta Fushimi Inari Taisha, Kyoto.



Lanternas de metal do santuário xintoísta Ueno Tōshōgū, Tóquio.



Entrada do santuário xintoísta Ueno Tōshōgū, Tóquio.



Pagode do templo budista Tōeizan Kan'eiji Endonin no Parque de Ueno, Tóquio.



Árvore sagrada do santuário xintoísta Ise Jingū, Ise.



Templo budista Tōfukuji, Kyoto.



Monges budistas na ponte de Arashiyama, Kyoto.